



A CAMISA COMO DISCURSO: MEMÓRIAS, MICROPOLÍTICAS E CORES NO GUARDA-ROUPA DE XICO SÁ

Bárbara Lyra Chaves
FAV/UFG

Resumo

Este artigo é composto por um recorte da minha dissertação. Em entrevista concedida a mim, o jornalista Xico Sá fala sobre sua preferência por camisas coloridas e uma série de assuntos se desenrolam a partir desta temática: micropolíticas que ocorrem a partir da imagem pessoal, roupas como discursos, modos de consumo, estilo pessoal, dress code, memória, referências familiares e afetos. Suas falas demonstram que o vestir pode ser entendido como um ato capaz de provocar efeitos diversos, além de produzir formas de sociabilidade.

Palavras chave: *Personal styling*, estilo pessoal, cores, moda.

Abstract

This paper is part of my dissertation. In interview given to me, the journalist Xico Sá speaks about his preferences for colored shirts and several topics unfolded from this theme. He talks about micropolitics that emerges from personal image, clothes as discourse, consumption patterns, personal style, dress code, memories, familiar references and affection. His speech shows that dressing could be understood as an act capable of causing several effects, besides makes ways of sociability.

Keywords: *Personal styling*, personal style, colors, fashion.

32

1 Contatos imediatos: motivações, objetivos e muita empatia

Escrevi para o jornalista Xico Sá perguntando se havia alguma possibilidade de entrevistá-lo. Um estudo de caso mais aprofundado sobre seu estilo pessoal fazia todo o sentido para a pesquisa de minha dissertação que abordava o trabalho do *personal stylist* na contemporaneidade e quebras de regras nos códigos do vestir. Portanto, abordar o caso de um jornalista respeitado que burla o *dress code*¹ profissional ao optar pelo uso de camisas coloridas e extravagantes em seu cotidiano poderia ser relevante para a pesquisa.

Na mensagem, contei a ele que tinha notado sua preferência por cores e estampas e que estava interessada em saber detalhes de suas escolhas. Xico respondeu prontamente que sim e eu fui a São Paulo encontrá-lo.

¹ Dress code é o código de vestuário que abrange a vida pessoal e profissional.



Figura 1: Xico Sá postou foto de sua camisa na rede social Instagram com a seguinte legenda: “Como canta Paulinho da Viola, eis a camisa colorida que escondia minha dor”².

Tomada por um sentimento que misturava ansiedade e timidez, com o número de seu telefone nas mãos nas mãos, ensaiei a conversa: “Oi, Xico. É a Bárbara, de Goiânia”. Liguei. Marcamos o encontro. Toda a tensão se dissipou quando, no ensolarado dia 30 de maio de 2012, recebi um caloroso abraço em frente ao seu prédio. Xico abriu para mim as portas de casa, as portas do guarda-roupa e também uma latinha de cerveja. Sentada em seu sofá, vendo um tênis azul e branco displicentemente jogado no canto da sala, eu me senti uma pessoa feliz. Brindamos e começamos a conversar sobre roupas, memórias e histórias.

Pausa para uma resumida apresentação: escritor, cronista, comentarista de TV, Xico Sá é um herdeiro da crítica de costume do recifense Frei Lopes Gama³. Cearense do Crato, no Cariri, Francisco Reginaldo de Sá Menezes nasceu em 1962. Tem em seu currículo passagens por diversas redações brasileiras⁴ e é responsável pela publicação de 12 livros.

A entrevista foi organizada em forma de recortes das falas de Xico que foram articulados a partir dos assuntos por ele levantados: referências, afetos, decepções, provocações, formas de consumo e micropolíticas do vestir. Como Xico Sá se refere a assuntos e percepções muito particulares que estão conectados a sua história de vida, minha interferência em suas falas é pequena. Neste artigo, a ênfase será dada

² Imagem disponível em <http://instagram.com/p/U50_T0H9bW/>. Acesso em 26 Jan. 2013.

³ No Recife da década de 1830, o mestre Frei Miguel do Sacramento Lopes Gama distribuía alfinetadas em seu jornal denominado Carapuço. Atento ao cotidiano da burguesia recifense, Lopes Gama não poupou nada e ninguém, inclusive a moda foi alvo de suas críticas.

⁴ Xico Sá recebeu diversos prêmios jornalísticos, inclusive o prêmio Esso.

às relações que se estabelecem por meio das roupas, às micropolíticas que podem ser desencadeadas a partir da imagem pessoal e aos significados particulares que as roupas podem adquirir.

Nesta perspectiva, o jornalista pode ser um bom exemplo para abordar a abrangência das micropolíticas que ocorrem a partir da imagem pessoal. O termo micropolítica faz referência a uma “atitude focada em questões mais específicas e cotidianas” (CANTON, 2009, p.15), diretamente relacionadas com a realidade. Enxergar a existência de uma política do cotidiano nos leva a pensar que o “exercício de poder está por toda parte” (CANTON, 2009, p. 25). Veremos, então, alguns exemplos de formas com as quais as micropolíticas a partir das roupas aconteceram na vida de Xico Sá.

2 De bicho guardado a bicho colorido




Figura 2: Xico Sá abre o guarda-roupa do Recife para programa Minha Vida é a Minha Cara, da TV Futura.

Em entrevista para o programa Minha Vida é a Minha Cara⁵, Xico conta sobre a mudança do Crato para o Recife em sua adolescência:

Quando eu vim do interior, do Crato pro Recife, passei uns quatro anos e mal dava uma palavra. Guardado ali, morando em quarto de pensão, falava duas ou três coisas (...) Aos vinte e poucos anos que eu saio do silêncio. Era um silêncio assim do sertanejo, que sertanejo é um bicho guardado pra cacete. Aí eu vi que, no Recife, se eu continuasse calado daquele jeito era melhor eu voltar pra casa.

Quando abandonou a fase silenciosa e passou a conversar, Xico também realizou uma mudança na imagem pessoal.

⁵ O programa Minha Vida é a Minha Cara, apresentado por Otto e Hermilla Guedes, é transmitido pelo canal Futura. Este episódio tratava do tema “Falo muito x Falo pouco”. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=KlfXvROd638>>. Acesso em 15 Abr. 2015.



Quando eu era tímido, eu usava mais um begezinho, uma coisa mais tímida. E eu fui ficando cada vez mais estampado, enfeitado e exagerado nas camisas.

O professor da Cultura Visual Paul Duncum, em visita realizada ao programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual⁶, abordou a oposição entre cores vivas e opacas em um tópico chamado *Bright and Busy*. Segundo seu levantamento, objetos coloridos e brilhantes estariam relacionados à extravagância, à criatividade, à estética popular e a formas de resistência. Em movimento contrário, os objetos opacos teriam relação com sobriedade e elegância.

Os argumentos de Duncum – retirados da filosofia, da história da arte, da arquitetura – encontram similaridades na forma com que a as cores são analisadas no *personal styling*: o uso de roupas e acessórios em tons opacos transmite a sensação de formalidade, conservadorismo e elegância; as roupas e acessórios em tons vivos e brilhantes representam a informalidade, a criatividade, a extravagância e o popular. Como exemplo, podemos citar um trecho da publicação *A Linguagem das Roupas* em que Alison Lurie diz:

Cores berrantes e discordantes, assim como ruídos ou vozes altas, podem realmente ferir nossos olhos ou nos provocar dor de cabeça; cores suaves e harmoniosas, assim como a música e vozes suaves, nos fazem vibrar ou nos acalmam (1997, p. 95).


A transformação do visual do jornalista está em acordo com o enunciado do *Bright and Busy* de Paul Duncum e com o direcionamento tradicional do *personal styling*: quando ele era “bicho guardado” usava cores suaves e, conforme foi tomando gosto pelas conversas, seu visual foi se tornando cada vez mais estampado, enfeitado. Hoje, o critério para escolher as camisas “acaba tendo certa extravagância. Aí eu acabo pensando que isso não é extravagante, isso é o que eu vi meu pai usando a vida inteira”, ele diz a mim.

3 A camisa como discurso

Xico Sá comenta em que momento de sua vida uma camisa passou a ser um discurso.

Acho que primeiro eu usava porque gostava. Mas com essa coisa de eu aparecer mais ou por razões profissionais, ou pelo meu enxerimento, de eu ter mais visibilidade de mídia, eu vi que era um discurso e que tinha tanto uma resposta boa, quanto um debate por parte de quem me via: por que esse cara se veste assim? Eu achava interessante a provocação e esse diálogo com quem estava me vendo. Não era só uma camisa, passou a não

⁶ Tópico abordado no seminário realizado pelo Prof. Paul Duncum da University of Illinois, EUA, em agosto de 2011, para alunos da disciplina de Seminário de Pesquisa, Educação e Visualidade do Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da FAV/UFG.



ser só uma camisa. E eu passei a tomar muito gosto por isso, esse embate, essa discussão. Era só uma coisa que eu gostava e daí passou a ser uma coisa mais sistemática da compra, estou sempre renovando.

Katia Canton nos diz que o conceito de micropolítica “tem sido usado cada vez com mais frequência por pensadores da cultura contemporânea” (2009, p.15) com o objetivo de atualizar a discussão política e colocá-la de acordo com panorama atual. Essa substituição da noção de Política pelas micropolíticas enfatiza a importância de uma atitude focada em questões relacionadas ao cotidiano, à realidade e a “tudo aquilo que nos diz respeito e nos faz viver em sociedade” (CANTON, 2009, p.16). Portanto, quando Xico percebe que a camisa passou a agir como um elemento desencadeador de embates, ela toma outra proporção – a de micropolítica – e acaba tornando-se parte de um discurso, de uma afirmação de estilo de vida. Nos programas de TV, por exemplo:

Há uma incompreensão tão grande quando eu vou pra algum programa de TV com umas camisas que, digamos, fogem um pouco de hoje que, aliás, está todo mundo de xadrez no mundo inteiro, todas as camisas masculinas são xadrez, todas. Vá pra Paulista e você só vê xadrez no mundo inteiro, vá pra televisão, o mundo “xadrezou” geral. E aí quando você quebra qualquer coisa desse tipo aí começam a rolar os emails e os tweets pro povo dos programas que é “que loucura! que camisa é essa?”

As pessoas comentam muito. Aí tem as pessoas que gostam porque talvez tenham alguma nostalgia com a camisa do pai, não sei o que, coisa da camisa mais anos 1970, assim. Tem uma incompreensão e uma associação imediata à breguice, à cafonice e em qualquer camada, mesmo o cara mais fodido, mais pobre aí é que ele quer vestir um xadrez que está na tendência e aquilo dá um susto nele. Talvez porque ele se reconheça ali, naquela camisa mais antiga, do pai, e quer negar isso. Então tem uma discussão, em muitos programas, mais na camisa que eu estou vestindo no que eu estou falando. Eu acho bom porque eu visto pra aquilo também. Quando eu comecei a sentir, eu comecei a provocar também.

4 Xico, o brechossexual



Figura 2: Xico Sá abriu as portas do guarda-roupa paulistano e me mostrou algumas de suas camisas favoritas. Segundo ele, as mais bonitas e coloridas ficam em sua casa no Recife (Foto tirada por mim).



Xico nomeou seu estilo de brechossexual. “Diria que se eu fosse ter um estilo seria brechossexual, não um metrossexual, um brechossexual”. É oportuno dizer que quando o sujeito possui uma noção do que gosta e do que quer para si em termos de roupas e acessórios, seu consumo passa a ser movimentado a partir de parâmetros e escolhas pessoais e não das tendências do mercado de moda. Assim, Xico comenta a respeito de suas compras na paulistana Feira do Bixiga, nas casas Pernambucanas, na confecção Guararapes e no Polo da Sulanca.

Tem uma feira no Bixiga que é sensacional! Tem como se fossem vários pequenos brechós. Eu compro muito lá. Têm muitos óculos legais, camisas. E lá é barato, não é esse negócio de brechó metido.

As casas Pernambucanas, que é um clássico do interior do Brasil inteiro, sempre tem alguma coisa ainda em sintonia com essas pessoas mais velhas que continuam a gostar daquele tipo de camisa.

Se estou no interior de Pernambuco e sei que lá vai ter umas camisas setentonas que alguém ainda veste, vou lá e compro. Tem uma confecção que faliu e foi incorporada pela Riachuelo, não sei, mas chama confecções Guararapes. (Xico tem muitas camisas Guararapes que estão em sua casa no Recife). Essas confecções Guararapes, é uma marca que eu acabo comprando mesmo sem saber. Quando eu compro em brechó, na hora que eu vejo, é Guararapes. Porque eles tiveram um domínio muito grande no Nordeste nos anos 1970 e até metade dos anos 1980. E são sempre umas estampas muito bonitas, muito grafismo, daquele grafismo setentão como se fosse um riscado, assim, de caneta. Ou quando é colorido, é psicodelia pura. Então é a marca que eu mais bato. E tem vários brechós de São Paulo que descobriram, não sei como, o acervo, sobras deles, e com camisas novas.

Tem uma área lá no Nordeste, que é um polo de confecção muito forte hoje em dia, que é onde eu encontro mais coisas legais – eu acabo deixando muita coisa no Recife, eu compro e deixo lá – que é entre Caruaru e Santa Cruz de Capibaribe, é conhecido como Polo da Sulanca. A Sulanca era, inicialmente, um representante de sobras de tecidos das indústrias que iam lá, remendavam, era meio uma colcha de retalhos e era uma confecção muito popular e muito barata. E lá eles mantêm muita estamparia. Hoje eles já contratam um puta designer de São Paulo, do Recife. Eles têm uma puta história profissional com moda, estudada e feita, moda de rua, tudo feito pra valer. Ao mesmo tempo eles mantêm muito essa linha mais *old school*, aquela coisa mais antiga.

Inclusive, Xico confessa certa implicância com a tendência massiva das roupas xadrez no universo masculino atual.

Eu evito o máximo possível de loja porque eu vou entrar numa loja tudo é quadriculado. Quando você vê uma coisa que solta mais, é no mundo feminino. Aí você vê um coloridão bonito e era só de mulher. Pra homem, tudo está quadriculado. Que eu achava até legal mais aquela coisa do grunge, de Seattle, mas hoje todas as repartições, todas as firmas, você vai numa festa de casamento e está todo mundo de quadrado. E isso é lá na casa da minha mãe, em Juazeiro, ou no restaurante de moda de São Paulo.



Ted Polhemus, uma referência para pesquisas em estilo pessoal, em entrevista para a revista *TPM* de junho de 2012, nos diz que “cada vez mais as pessoas querem ser reconhecidas como únicas e criativas, sendo a roupa uma ‘apresentação’ do que são”. Neste sentido, a pesquisadora de moda Cristiane Mesquita comenta a percepção de Ted Polhemus a respeito de uma postura insistentemente autoral por parte dos consumidores que produzira o que o autor chama de “*individual branding*”:

Misturas singulares entre as propostas das grifes, são somadas aos elementos significantes de determinadas formas de vida, valores familiares, crenças pessoais, etc., de modo que o consumidor incorpora elementos absolutamente individuais na composição da aparência, mesclando sonhos, desejos, aspirações e intenções específicas, o que determina algo relativo a um determinado saber que, necessariamente, não se relaciona com poder de compra (2008, p. 110).

Pelas falas de Xico Sá, poderíamos dizer que seu modo de consumo está ligado à referida postura autoral defendida por Ted Polhemus.

5 Roupas: uma questão afetiva

Ao ser perguntado se existe uma questão afetiva, ele responde:

Tem. Totalmente. E que eu fui percebendo só depois. E que eu fui percebendo nos próprios comentários do meu pai sobre o que eu estava vestindo: “eu tinha uma camisa que era parecida com essa e tal”, que eram as estampas que dominavam o período.

Meu pai, por exemplo, eu já peguei umas camisas dele e aí levo uma camisa nova, xadrez, que ele ama. Ele quer agora, coisa nova. E diz: “eu vou usar’ essas camisas de velho? eu já sou velho”.

O jornalista diz que o fato de alguém dizer com franqueza que não gosta de suas roupas é marcante.

Eu me lembro as vezes que alguém falou na lata mal do que eu vestia e isso eu nunca esqueci. Lembro no Recife, uma menina que eu era louco por ela e eu tava com uma camisa legal pra caralho. Eu achava, né? Era minha opinião. Só que a menina era mais difícil. E ela olhou e disse: ‘que coisa horrível! você está vestindo isso?’ Era uma camisa da Pierre Cardin que eu tinha comprado num brechó. Era uma camisa meio polo, de um azul meio bebê que eu achava a coisa mais linda do mundo, na gola tinha um grafismo. Era o maior style possível. E eu ficava pensando: perdi a mulher por causa da camisa.

Pra minha família, quando eu vou pra Juazeiro, por exemplo, eu vejo que preferiam que eu estivesse vestido mais normal. Porque pra gente [pra ele e pra mim] tem mais significado. Eles preferem que você esteja atual. Minha mãe diz: “meu filho, usa algo mais pequenininho, mais direitinho... Fica com essas camisas na televisão”. Ela queria uma coisa moderna.



6 Terno, *dress code*, muito calor e o Carapuceiro

A respeito do terno e da gravata, Xico comenta duas coisas: quando trabalhou como repórter político, em 1989, o *dress code* exigido era o terno escuro e a gravata, mesmo no calor de Brasília; o outro comentário diz respeito ao fato do jornalista nunca ter usado um terno antes. Ou seja, por razões profissionais, ele adotou um *dress code* que não tinha relação alguma com seu estilo de vida nem com o clima da cidade.

Você pegava o período seco de Brasília, você é lá do Centro-oeste, você sabe, é um terror. E a gente com aqueles ternos escuros e gravata, era um terror. E eu vim do Recife e lá nunca tinha botado um terno na vida, gravata. Essa coisa da questão climática é discutida desde muito tempo... Tem um cara que, até por conta dele que o meu site antigo se chamava *O Carapuceiro*, que era um jornal que tinha no Recife na primeira metade do século XIX. Ele sempre dava uns cacetes na imposição da moda francesa naquele calor do Recife. Ele era um padre, um padre meio maluco, um padre beneditino. Todo dia ele rodava, era uma folha solta, um jornal, vamos supor, um blog.

O tal padre meio maluco é o mestre Frei Miguel do Sacramento Lopes Gama que, no Recife da década de 1830, distribuía alfinetadas em seu jornal – o “periódico sempre moral e só *per accidens* político” – denominado *Carapuceiro*. Atento ao cotidiano da burguesia recifense, Lopes Gama fazia críticas severas à moda afirmando que

este culto das pessoas do mundo reconhece por deusa a frivolidade; o seu templo é Paris; os seus sacerdotes são os caprichos; os franceses são os verdadeiros crentes; e todos nós, pobres papalvos, não somos mais do que escravos convertidos, que sem reflexão, sem ideias próprias, seguimos maquinalmente as leis arbitrárias dessa divindade fantástica (1996, p.83).

Ao lembrar seus abafados tempos de repórter político em Brasília, Xico Sá nos trouxe as críticas feitas há quase duzentos anos, no *Carapuceiro*, a respeito da incoerência do uso de roupas francesas no tórrido calor recifense. Apesar da distância temporal e cultural que nos separa de Frei Lopes Gama, o assunto que envolve roupas apropriadas ao clima brasileiro e importação de regras do bem-vestir ainda está em pauta.

7 “Não consigo, não quero e não me deixo esquecer do lugar que eu vim e das coisas que eu sou”⁷

Xico vê as camisas coloridas que seus pais e seus tios usavam no Nordeste dos anos 1970 como inspiração, portanto, é perceptível que ele procura significados no vestir que são relacionados à sua própria história, memória e experiência de vida. A partir de seu depoimento, podemos notar um desenrolar de acontecimentos

⁷ Fala retirada do Programa Interferência. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=41nw8FJZPXA>>. Acesso em 10 Fev. 2012.



provocados por seu modo de vestir. Neste contexto, faz sentido trazermos para a conversa o enunciado do professor Paul Duncum⁸, afirmando que a propagação de determinadas imagens é uma forma de defender valores e crenças. Assim sendo, reforçamos a ideia de micropolíticas no vestir e de formas de negociações de poder a partir da imagem pessoal.

Este estudo de caso corrobora com a concepção de que roupas são “ricamente absorventes de significado simbólico e no qual as memórias e as relações sociais são literalmente corporificadas” (STALLYBRASS, 2004, p. 21). Seguindo esta linha de raciocínio, o desenvolvimento do conceito de indecidibilidade do item de moda proposto por Barnard pode colaborar conosco. De acordo com o autor, na pós-modernidade, o sentido do item de moda é variável porque é “constituído intertextualmente nos termos de suas relações com outros objetos e com outros discursos” (2003, p.239). Sendo assim, o próprio sujeito teria a faculdade de dar um sentido particular ao vestir e é exatamente isso o que Xico Sá faz.

Em relação ao trabalho do *personal stylist*, Xico confirma a noção de que o profissional deve estar atento ao que faz sentido na vida do cliente já que lidamos com a impossibilidade de catalogar todos os sujeitos em categorias preestabelecidas de estilo pessoal. Não existe, por exemplo, um manual que contemple o chamado estilo brechossexual de um homem nascido no Crato que se espelha num modo antigo de vestir.

Xico Sá atrapalha as significâncias⁹ do que seria adequado ao visual de um jornalista bem-sucedido. Camisas e óculos discretos, assim como terno e gravata, passam longe de seu armário. Seu caso demonstra que o vestir pode ser entendido como algo capaz de provocar efeitos, “produzir e sustentar formas de sociabilidade” (MENESES, 2003, p.15). Depois de contar essa série de histórias, ele diz: “isso é pra gente ver como a roupa é importante pra caralho! É uma puta reflexão que eu fico tendo sobre meu modo de vida por conta da parte das roupas”. Sim, Xico, nossa relação com as roupas pode ser bastante rica e potente.

⁸ Tópico abordado no seminário realizado pelo Prof. Paul Duncum da *University of Illinois*, EUA, em agosto de 2011, para alunos da disciplina de Seminário de Pesquisa, Educação e Visualidades do programa de pós-graduação em Arte e Cultura Visual – FAV/UFG.

⁹ Tópico abordado no seminário realizado pelo Prof. Paul Duncum da *University of Illinois*, EUA, em agosto de 2011, para alunos da disciplina de Seminário de Pesquisa, Educação e Visualidades do programa de pós-graduação em Arte e Cultura Visual – FAV/UFG.



Referências Bibliográficas

BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

CANTON, Katia. **Da Política às Micropolíticas**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

GAMA, Lopes. **O Carapuceiro**: crônicas de costumes. Organização Evaldo Cabral de Mello. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LURIE, Alison. **A Linguagem das Roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes Visuais, cultura visual, História Visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, nº 45, p.11-36, 2003.

MESQUITA, Cristiane. **Políticas do vestir**: recorte em viés. Tese de doutorado. São Paulo: PUC-SP, 2008.

STALLYBRASS, Peter. **O Casaco de Marx**: roupas, memória, dor. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Documentos eletrônicos

POLHEMUS, Ted. **Estilo Pensado**. TPM. São Paulo: Trip Editora, nº 121, Junho, 2012. Disponível em: <<http://revistatpm.uol.com.br/revista/121/reportagens/estilo-pensado.html>>. Acesso em 01.mai.15

Seminário

DUNCUM, Paul. **Seminário em Cultura Visual** – Anotações de comentários. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, agosto de 2011.

Minicurrículo

Bárbara é doutoranda e Mestre em Arte e Cultura Visual (2013), especialista em Arte Contemporânea (2007) e graduada em Design de Moda (2004) pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Personal Stylist formada por Ilana Berenholc (2008). Fez cursos livres de História da Moda (SENAC/SP) e Análise de Coloração Pessoal (Ilana Berenholc). Pesquisa temas relacionados ao estilo pessoal no cenário contemporâneo.